
INTRODUÇÃO

O objetivo de nossa pesquisa é investigar a presença de Wilhelm Dilthey no pensamento de Martin Heidegger. Mostraremos como a hermenêutica da historicidade da vida de Dilthey, com sua interpretação da “estrutura da vida e do mundo como um todo inter-relacionado”, tornou-se fundamental para a hermenêutica da facticidade e para a hermenêutica da existência de Heidegger.

Heidegger reconhece a originalidade de Dilthey em levantar a questão sobre o sentido histórico da realidade imediata da vida e sua capacidade de se *compreender a partir de si mesma e não de uma realidade estranha* (Cf. HEIDEGGER, 2003, *Conférences*, p. 201). No parágrafo 72 de *Ser e Tempo* (1927) chega a admitir que a sua análise sobre o *lugar ontológico do problema da historicidade*, no fundo, “trata unicamente da preparação de um caminho para que a atual geração possa se apropriar das pesquisas de Dilthey, com as quais ela ainda deve se confrontar” (HEIDEGGER, *ST*, 1997, § 72, p. 182; *SZ*, p. 377).

Não obstante esta dica valiosa de Heidegger, a relação temática entre os dois pensadores é, até então, pouco explorada no campo filosófico e menos ainda discutida no âmbito acadêmico, merecendo, portanto, nossa especial atenção. Jean Greisch, por exemplo, em seu célebre livro *Ontologia e temporalidade* menciona

a queixa de Frijthof Rodi, discípulo e editor das obras de Dilthey, dirigida aos pesquisadores que, praticamente, negligenciaram o estudo que Heidegger consagra a Dilthey – as *Conferências de Cassel* (1925) (Cf. GREISCH, 1994, p. 380).

Apesar do interesse recente de filósofos brasileiros para traduzir as suas obras, o pensamento de Dilthey é igualmente, na *nossa atualidade*, pouco conhecido, não somente na filosofia, mas nas diversas áreas das “ciências do espírito” às quais ele tanto se empenhou em buscar uma fundamentação: história, psicologia, antropologia, literatura, teologia, artes, pedagogia, direito.

Ao longo de nossa pesquisa, apresentar-se-á o campo de interesses compartilhados entre Dilthey e Heidegger: a historicidade e a temporalidade do ser humano. No entanto, poderá ser constatada já de início uma clara diferença de perspectivas: Dilthey voltou-se para uma epistemologia, enquanto Heidegger assume, em seu pensamento, como sabemos, uma dimensão ontológica. Embora diversas, essas perspectivas não se excluem, ao contrário, pressupõem-se.

Pretenderemos esclarecer como Heidegger descobre, na autocompreensão da vida histórica tematizada por Dilthey, os elementos que lhe possibilitarão romper com a tradição teórica para que possa tomar decisões no plano ontológico – decisões que vão além das análises científicas diltheyanas.

Quais são as contribuições efetivas que o pensamento de Dilthey, com a análise do caráter histórico e imediato da vida, com sua capacidade de autocompreensão, trará ao processo de elaboração da hermenêutica da facticidade de Heidegger e sua posterior hermenêutica da existência?

A pesquisa é composta por cinco capítulos.

Inicialmente, apresentaremos o contexto em que ocorre a aproximação de Heidegger com o pensamento de Dilthey. Veremos que a leitura dos textos diltheyanos, imbuídos das principais temáticas filosóficas e científicas de seu tempo, como a lógica, a fenomenologia, a epistemologia, a história, a vida, foi fecunda na fase de formação universitária de Heidegger. Assim, no segundo capítulo, após acompanharmos, brevemente, o percurso acadêmico e intelectual que desponta nos primeiros escritos (1912-1916) do jovem Heidegger, mostraremos a importância que Dilthey irá desempenhar na passagem que o autor de *Ser e Tempo* efetuará da esfera *lógica e epistemológica* do “sentido” para o âmbito da *existência* em que descobre a temporalidade, a partir de um contexto “translógico” do sentido. Com Dilthey, Heidegger começa a perceber que a lógica perde seu primado para a filosofia. A nosso ver, essa é a primeira “guinada” que ocorrerá em seu pensamento: a descoberta do aspecto “demasiado rico e vasto da vida” em detrimento das preocupações teórico-transcendentais que se fazem

presentes na filosofia neokantiana de Rickert e na fenomenologia de Husserl. É a partir desse momento que Heidegger, paulatinamente, começará a tomar distância destes seus mestres – de quem recebe as primeiras orientações intelectuais.

No terceiro capítulo, examinaremos de que modo a tentativa diltheyana de buscar na vida o fundamento epistemológico das ciências do espírito renova a questão filosófica do problema das categorias lógicas. Ao franquear os caminhos para uma crítica às tradicionais teorias do conhecimento que, de uma maneira completamente arbitrária, transferem para as ciências do espírito as mesmas categorias das ciências da natureza, a filosofia da vida de Dilthey quer destacar *o caráter eminentemente histórico da vida humana*. Veremos que o empreendimento de nosso Filósofo produzirá fortes repercussões no neokantismo de Baden. Se Windelband e Rickert acusam a filosofia diltheyana de cair no psicologismo e, portanto, de continuar presa ao método das ciências naturais resultando inútil para a fundamentação das ciências históricas, Dilthey alegará que o método lógico-formal da filosofia dos valores, apoiado num ponto de vista e tratamento teórico da realidade, impede a manifestação do fenômeno da vida e de seu sentido histórico. Tal perspectiva, para Dilthey, deixaria a vida histórica submetida à exigência de uma rígida e inapropriada “conceitualidade científica”.

Cumpre-nos mostrar que as divergências teóricas e metodológicas entre Dilthey e os neokantianos de Baden serão particularmente proveitosas para Heidegger. A filosofia da vida diltheyana que, no âmbito acadêmico de seu tempo se mostrava arriscada por seu aparente “historicismo” e “relativismo”, converter-se-á em grande aliada para a compreensão da irrupção do fenômeno da vida histórica no pensamento heideggeriano.

No quarto capítulo, faremos ver, de forma mais incisiva, a influência que Dilthey exerceu sobre o jovem Heidegger. De maneira geral, será preciosa para ele a iniciativa diltheyana de criticar as filosofias que cultivam o predomínio da razão teórica, abstrata, universal, própria da subjetividade moderna, como fonte privilegiada para compreender a experiência da vida humana. Heidegger passa a compartilhar com Dilthey a ideia de que a vida não é algo que se dá de maneira teórica, mas tem sua expressão nas vivências, cujo significado escapa ao pensamento representacional. Assim, de modo mais específico, examinaremos como os conceitos de “vivência”, de “expressão” e de “compreensão” embasaram as noções de “autossuficiência” da vida, “formas de expressão” e “significativida-de” tematizadas por Heidegger no curso do semestre de inverno, em Friburgo, *Problemas fundamentais da fenomenologia* (1919-1920) e, ainda, em que medida tais conceitos se constituirão os pressupostos metodológicos do primeiro “giro”

hermenêutico da fenomenologia operado por Heidegger quando elabora a sua “hermenêutica da facticidade” (1919-1920): a vida se caracteriza por encontrar-se sempre em contextos situacionais, em que e a partir dos quais ela sempre se compreende a si mesma.

Por fim, no quinto capítulo, apontaremos os limites e as insuficiências encontradas por Heidegger nos conceitos diltheyanos de historicidade e temporalidade da vida. Discutiremos a crítica que faz a Dilthey por conceber o homem como “unidade psicofísica” ou “configuração psíquica” e, assim, inscrever a história num quadro de “tipologias” – “criações espirituais” que emergem da vida mesma. Para Heidegger, Dilthey compreende a realidade efetiva e histórica a partir do “exterior”, por meio de suas “expressões”, “objetivações”, “tipos” que se dão no transcurso temporal e, assim, não teria colocado de maneira radical o problema do acesso ao domínio originário do vivido – reduzido a “fatos de consciência”. O sentido histórico e temporal da vida humana abordado por Dilthey teria permanecido como tratamento epistemológico das ciências do espírito. Preocupado em “comparar” “tipos históricos”, Dilthey não teria perguntado pelo “ser” dessa realidade histórica, isto é, pelo “sentido do ser” da historicidade. Contudo, veremos que é recolocando e radicalizando as questões filosóficas fundamentais de Dilthey que Heidegger efetuará o famoso “giro” ontológico-hermenêutico em seu pensamento (1923-1925). Descobre, a partir de elementos e conceitos vindos da hermenêutica da vida fáctica de Dilthey, que a historicidade e a compreensão são o *modo de ser* fundamentalmente temporal da existência humana; que a temporalidade finita é o fundamento da historicidade em sentido próprio e, por conseguinte, o fundamento da própria “consciência histórica”.